

O HOMEM E A COMUNICAÇÃO

O LIVRO DAS  
**LETRAS**

RUTH ROCHA  
OTÁVIO ROTH

criação e projeto gráfico

OTÁVIO ROTH

ilustrações

RAQUEL COELHO

O HOMEM E A  
COMUNICAÇÃO

O LIVRO DAS  
LETRAS

RUTH ROCHA  
OTÁVIO ROTH

CRIAÇÃO E PROJETO GRÁFICO  
OTÁVIO ROTH

# ILUSTRAÇÕES RAQUEL COELHO



**SM**  
MELHORAMENTOS

1992 – Prêmio Jabuti – Melhor Obra em  
Coleção,

Melhor Produção Editorial

1993 – Prêmio Monteiro Lobato para  
Literatura Infantil,

Academia Brasileira de Letras





A invenção do alfabeto foi uma das maiores conquistas do homem em todos os tempos.

A importância dessa invenção consistiu em representar todos os sons de uma língua com apenas 22 letras.

O alfabeto que conhecemos hoje e com o qual escrevemos nossa língua

teve origem há três mil anos.

Os responsáveis por isso foram os fenícios.



Os povos vizinhos copiaram essa ideia.

Mas cada povo tinha uma língua diferente. Então, cada um inventou novas letras para os sons que não existiam na língua dos fenícios. E abandonou as letras que não serviam para ele.

Nosso alfabeto, que é chamado de alfabeto romano, foi o resultado dessas modificações.

Como essa história é muito antiga, até hoje não conhecemos exatamente todos os passos da sua evolução.



O alfabeto fenício foi adotado pelos gregos por volta do ano 400 antes de Cristo e sofreu, naturalmente, numerosas modificações.

Os romanos herdaram dos gregos as letras que deram origem ao seu alfabeto. Essas letras, por sua vez, também foram

modificadas até chegar à forma atual.



Algumas das nossas letras são muito semelhantes às letras fenícias que lhes deram origem. Só que várias delas surgiram em posições diferentes das que têm hoje, parecendo para nós muito estranhas.

O A, por exemplo, nasceu, literalmente, de cabeça para baixo.

Isso porque o A foi inspirado na forma da cabeça de um boi.

Os fenícios chamavam o boi de *aleph*, e este era o nome do A em fenício.





O B e o E também nasceram olhando para o lado oposto ao que olham hoje.

Isso aconteceu porque houve uma época em que os gregos escreviam como fazem os arados no campo: uma linha da esquerda para a direita, a outra linha da direita para a esquerda.

Muitas letras fenícias, por isso, inverteram sua posição quando passaram para o grego.





Outras letras surgiram para representar sons que não existiam na fala dos fenícios.

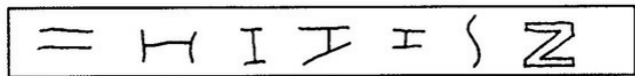
Os gregos inventaram, por exemplo, o  $\Psi$  (psi), com o som de PSI.

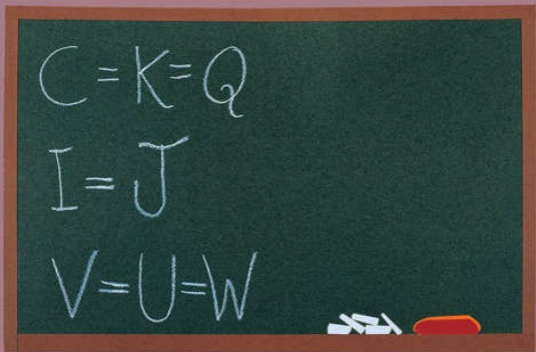
Inventaram o  $\Omega$  (ômega), com o som de O longo.

Inventaram o  $\chi$  (csi), com o som de CSI, que originou a letra X.

E inventaram ainda o  $\Upsilon$  (ípsilon), que originou mais tarde, entre os romanos, a letra Y.

A letra  $\text{I}$  (zain) foi retomada pelos romanos, para representar um som que não existia entre os gregos.





O C, o K e o Q representam praticamente o mesmo som na maioria das línguas.

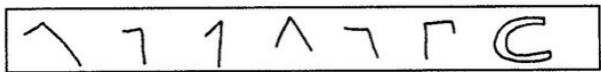
Mas o C era usado pelos romanos para representar dois sons diferentes: o som de C e o som de G.

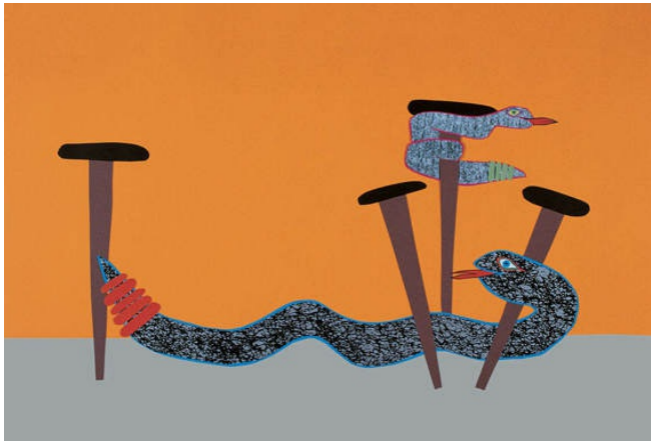
Com o tempo, o som de G ganhou representação própria, dando origem a

uma nova letra.

Foi o mesmo caso da letra I, que representava o som de I e o som de J. Somente no século XVI é que o J ganhou a forma que tem hoje.

A mesma coisa aconteceu com o U, que, na Idade Média, passou a representar um dos sons da letra V. O V, por sua vez, também originou a letra W, mais ou menos na mesma época.





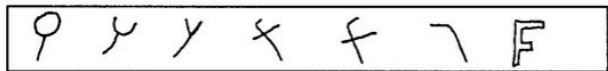
O F é uma letra que já teve uma porção de formas e representou uma porção de sons.

Começou com a forma de uma cobra, no Egito. Depois evoluiu e ficou parecido com um prego.

Só muito depois é que tomou a forma que tem hoje.

Ainda hoje o F serve para representar o som do V em alemão.

Já serviu para representar o som de W, até que finalmente tomou o som do F atual.





Praticamente todas as letras foram inspiradas em coisas que existiam, e seus nomes eram, entre os fenícios, o nome do objeto que representavam.

D = *daleth* = porta

P = *peh* = boca

R = *rosh* = cabeça

H = *cheth* = cerca

N = *nun* = peixe

S = *samech* = suporte

T = *tet* = fardo






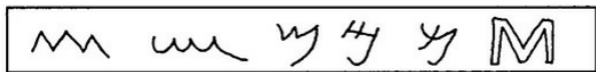
Quem inventou o alfabeto e deu nome às letras foram os fenícios.

Mas várias dessas letras se desenvolveram a partir dos hieróglifos egípcios.

Por exemplo, o M era a representação da coruja, na sua origem. Com a simplificação da escrita egípcia,


a forma da letra foi se distanciando da forma da coruja.

Quando os fenícios assumiram a letra M com a forma de , identificaram essa forma com uma onda. Batizaram então essa letra de *mem*, que quer dizer “água”.



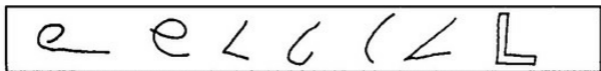


Com a letra L aconteceu uma coisa parecida.

O hieróglifo egípcio  (leão) foi se transformando em traços mais simples.

Os fenícios viram nesse símbolo a representação de um chicote e deram a

ela o nome de *lameth*, que quer dizer “chicote”.



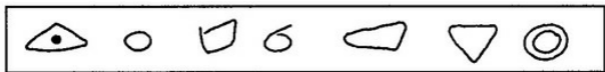


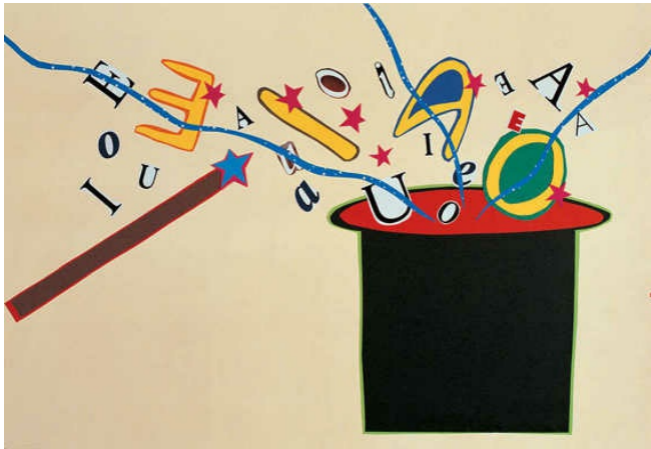
Por outro lado, algumas letras se mantiveram inalteradas através dos tempos.

O O, por exemplo, desde a Antiguidade tem a forma de um olho.

E o K, do mesmo modo, teve sempre uma forma aproximada das linhas da palma da mão, que em fenício

antigo era chamada de *kaph*.





É curioso lembrar que os fenícios, que inventaram o alfabeto, não inventaram formas para representar o som das vogais.

Aliás, ainda hoje, em hebraico e árabe, línguas que se originaram diretamente do fenício, é comum

escrever sem a marcação das vogais.

Quem inventou a grafia e o uso das vogais foram os gregos, usando letras como o A e o E, que funcionavam anteriormente como consoantes.



As letras são importantes não só para escrever e ler, mas até para a matemática. Os romanos usavam letras em lugar de números. Os matemáticos e físicos usam até hoje as letras para suas notações algébricas ou geométricas. E os químicos usam as letras para

identificar os diversos elementos.

Usam-se letras como enfeite no início dos capítulos dos livros. E usam-se letras para identificar anéis, lenços e camisas.

Desde a Antiguidade já se usavam as letras para a criação de problemas de palavras cruzadas. E até hoje brincamos de “forca”, que é uma brincadeira com letras.

Existe ainda um uso mágico das letras. Os numerologistas, atribuindo um valor numérico a elas, tentam decifrar os mistérios da personalidade humana e do futuro.

De toda forma, as letras são uma evidência da criatividade e da

engenhosidade humanas, e sem elas o destino do homem sobre a Terra seria certamente diferente.

**Ruth Rocha** nasceu em 1931 na cidade de São Paulo. É uma das mais conhecidas escritoras brasileiras de livros infantis e juvenis. Ganhou os mais importantes prêmios brasileiros destinados à literatura infantil: FNLIJ, Prêmio Jabuti, APCA e ABL, entre outros. Atualmente é membro do Conselho Curador da Fundação Padre Anchieta. Casada com Eduardo Rocha tem uma filha, Mariana, e dois netos, Miguel e Pedro.

**Otávio Roth** (1952-1993). Paulista reconhecido mundialmente por sua obra em papel artesanal e eventos de arte participativa. Formou-se em Londres pelo Hornsey College of Art. Morou e trabalhou em Israel, Noruega e Estados Unidos. Também recebeu vários prêmios de literatura infantojuvenil como ilustrador e escritor. Suas ilustrações da Carta de Direitos Humanos estão em exposição permanente nas sedes da ONU em Genebra, Viena e Nova York. No Brasil foi pioneiro na divulgação do papel artesanal por meio de cursos, oficinas, publicações e exposições. Seu trabalho de reciclagem de papel e de elementos da natureza contribuiu para a construção da consciência ambiental.

# **Edição revisada conforme o Acordo Ortográfico da Língua Portuguesa**

Ilustrações: Raquel Coelho

Texto © Ruth Rocha Serviços Editoriais S/C Ltda.

Representado por AMS Agenciamento Artístico, Cultural e Literário Ltda.

Criação e projeto gráfico: Otávio Roth

Conversão em epub: {kolekto}

Direitos de publicação:

© 1992 Cia. Melhoramentos de São Paulo

© 2002, 2009 Editora Melhoramentos Ltda.

1.<sup>a</sup> edição digital, junho de 2014

ISBN: 978-85-06-07532-6 (digital)

ISBN: 978-85-06-05827-5 (impresso)

Atendimento ao consumidor:

Caixa Postal 11541 – CEP 05049-970

